

## **MIGRANTES RURAIS, QUINTAIS URBANOS E SOBERANIA LIMENTAR.**

### **Grupo de Pesquisa:**

GT11. Abastecimento, segurança alimentar e nutricional e dinâmicas de consumo.

### **Resumo**

A partir da década de 1960 consolidou-se no Norte de Minas Gerais uma estrutura fundiária altamente concentradora. A chamada modernização da agricultura, por meio da “Revolução Verde”, beneficiou grandes produtores e, marginalizou camponeses. Com isso, nas décadas de 1960/70, ocorreu forte saída de população rural que, nesta região, se concentrou na cidade de Montes Claros. Esses migrantes de origens rurais trouxeram experiências e conhecimentos ambientais formados em suas comunidades de origem, e, a partir deles ocuparam espaços urbanos e passaram a instalar quintais produtivos. Esse artigo tem por objetivo analisar a produção de alimentos em quintais urbanos de Montes Claros e investigar a contribuição desses quintais para a segurança alimentar na cidade. O estudo foi realizado em nove quintais urbanos, associando duas técnicas de pesquisa: entrevistas com questionários semiestruturados; censo das plantas cultivadas em cada quintal. Os resultados revelaram que esses agricultores (as) urbanizados (as) construíram formas diferenciadas de lidar com recursos naturais, tornaram-se especialistas em manejar pequenas áreas para a produção de alimentos na cidade. Os levantamentos etnobotânicos indicaram o cultivo de multiplicidade de espécies utilizadas na alimentação familiar, apontando a importância da agricultura praticada por esses (as) migrantes rurais para a soberania alimentar e nutricional (SAN) das famílias.

**Palavras-chave:** quintais urbanos - etnoconhecimento - produção de alimentos – migrantes rurais.

### **Abstract**

From the 1960s, a highly concentrated land structure was consolidated in the North of Minas Gerais. The so-called modernization of agriculture, through the "Green Revolution", benefited large producers and marginalized peasants. As a result, in the 1960s and 1970s, there was a strong outflow of rural population, which in this region was concentrated in the city of Montes Claros. These migrants from rural backgrounds brought their own experiences and environmental knowledge, trained in their communities of origin, and from there occupied urban spaces, forming productive yards. The objective of this study was analyzing the production of food in urban backyards of Montes Claros, and investigating the contribution of these yards in the city. The study was carried out in nine urban backyards, associating two research techniques: interviews with semi-oriented questionnaires, and the census of the cultivated plants in each yard. The results revealed that these urbanized farmers constructed different ways of dealing with natural resources, becoming a specialist in managing small areas for food production in the city. The ethnobotanical surveys revealed the cultivation of a multiplicity of species that are used in family feeding, indicating the importance of agriculture practiced by these rural migrants for the food and nutritional sovereignty (FNS) of families.

**Key words:** urban backyards - ethnoknowledge - food production - rural migrants.

## 1. Introdução

A partir da década de 1960 consolidou-se no Norte de Minas Gerais uma estrutura fundiária concentradora apoiada pela "revolução verde", que fomentada pelo crédito rural subsidiado estimulou o uso em larga escala de máquinas, sementes industrializadas, fertilizantes, agrotóxicos e conduziu a modernização conservadora da agricultura. A dinâmica do sistema agroalimentar hegemônico resultante incidiu fortemente na padronização do modelo de produção, mas também na homogeneização e industrialização da pauta alimentar brasileira, ocasionando redução do consumo de alimentos ambientalizados e culturalizados.

Esse processo, de forma geral, beneficiou grandes produtores, marginalizou camponeses, resultou em expropriações de lavradores de acesso à suas terras e recursos naturais, e impulsionou no Brasil o deslocamento de milhares agricultores em direção às cidades. No Norte de Minas esse fluxo de população rural se dirigiu e se concentrou principalmente na cidade de Montes Claros.

De acordo com os censos populacionais o município de Montes Claros detinha, na década de 1960, a maioria dos seus habitantes - 85.971 - residindo em áreas rurais e somente 46.502 moradores na área urbana. A partir dos anos 1970 o município viveu um rápido crescimento populacional e houve a inversão no número de habitantes: a população urbana dobrou de tamanho passando para 85.154 habitantes enquanto a zona rural tinha 31.332 habitantes. Os dados do censo de 1991 demonstraram que a população urbana do município praticamente quintuplicou, passando a 227.295 de habitantes na área urbana e 22.270 nas áreas rurais. Já o censo de 2010 demonstrou que 344.427 pessoas habitam a área urbana e 17.488 na área rural<sup>1</sup>. Esse crescimento populacional se deveu fortemente a fluxos migratórios.

De acordo com Brito (2011), esses migrantes ocuparam diversos espaços na cidade, mas principalmente, se situaram nos bairros mais próximos às saídas para os seus locais de origem. Muitos chegaram a Montes Claros sem perspectiva de trabalho e foram morar com os parentes ou amigos. Ribeiro et al (2012) analisou que ao chegar a cidade nem sempre os(as) agricultores(as) tiveram a oportunidade de implantar os seus cultivos imediatamente. Parte das vezes, a dificuldade estava por dividir a casa com parentes, mas também devido ao tamanho reduzido do quintal na nova moradia. Entretanto, para o autor, os próprios agricultores desde que chegaram a cidade criaram estratégias para superar essa problemática da falta de espaços para a produção.

Muitos agricultores quando migraram para as cidades trouxeram experiências e conhecimentos de seus lugares de origem, e esse jeito diferenciado de lidar com os recursos naturais e manejar os espaço formaram uma certa base inicial para a inserção e permanência no meio urbano. As persistentes dificuldades econômicas e as lembranças da roça foram condições que estimularam o início de produção de alimentos nas cidades. Por isso, muitos desses migrantes rurais, ao se instalar em Montes Claros começaram a reinventar modos de vida, tendo como uma das bases o cultivo de espécies alimentares com características regionalizadas e culturalizada. Dessa maneira, desenvolveram formas de agricultura no urbano por meio de plantio em quintais.

---

<sup>1</sup> Dados do censo demográfico dos anos de 1980, 1991 e 2010.

Esse artigo objetiva, assim, analisar a produção de alimentos em quintais urbanos de Montes Claros, investigando sua importância na composição da pauta alimentar das famílias e para a soberania alimentar na cidade. Mais detalhadamente, busca compreender as relações entre de agricultores(as) urbanizados e o manejo da natureza na produção dos quintais.

## **1.2- Os quintais urbanos e a produção de alimentos.**

Estudo de Maluf (2008) ressaltou que, como estratégia de ampliar o acesso a alimentação, a produção para o autoconsumo é prática corriqueira, não apenas para as famílias que habitam o ambiente rural, mas também por populações que vivem em áreas urbanas, ou periurbanas.

Partindo desse ponto de vista, autores como Amorozo (2006), Silva (2004), Carniello et al. (2010) apontaram que, em boa parte das vezes, quintais urbanos concebem uma ligação intensa com atividades próprias das sociedades rurais: agricultores ao migrarem para o meio urbano passaram a ajustar práticas do rural em dimensões territoriais reduzidas, criando espaços que conformam espécies de bancos de recursos genéticos.

O uso de quintais tem sido estratégia de produção e domesticação de plantas empregada desde o período histórico denominado neolítico e intimamente relacionada à evolução da sociedade, cultura e à agricultura (Ploeg, 2008). No Brasil, segundo Brito & Coelho (2000), quintal é o termo utilizado para se referir ao terreno situado ao redor da casa, definido, na maioria das vezes, como a porção de terra próxima à residência, de acesso fácil e cômodo, na qual se cultivam ou se mantêm múltiplas espécies que fornecem parte das necessidades nutricionais da família, bem como outros produtos, como lenha e plantas medicinais. Para Albuquerque (2006), a localização das espécies nos quintais tem como referência a unidade residencial, as espécies ornamentais estão quase sempre na parte da frente do terreno e ou circundando-o, o que reflete o interesse pela estética do espaço; plantas medicinais, condimentares e utilizadas na alimentação são cultivadas na parte dos fundos dos terrenos.

Brandão (1981) ao analisar lavradores urbanizados na cidade de Mossâmedes, Goiás, revelou que o uso de quintais como espaço complementar para obtenção de alimentos, era recorrente. Carneiro et al (2013) também salientou que as pequenas produções vegetais desenvolvidas nos quintais domésticos permitiam às famílias uma melhor alimentação, acesso a frutas, hortaliças, especiarias e plantas medicinais.

O cultivo de plantas ou a produção de alimentos nos quintais urbanos é uma das formas de desenvolvimento da chamada agricultura urbana (AU). Os principais elementos de definição da agricultura urbana para Mouget (2001) seriam: os tipos de atividades econômicas desenvolvidas; as categorias e as subcategorias de produtos (alimentares e não-alimentares); característica locacional (intraurbano e periurbano); tipos de áreas onde a agricultura urbana é praticada; tipos de sistemas de produção e destino dos produtos e escala de produção.

Pasa (2007) notou que os quintais urbanos além de possibilitar a produção de alimentos, atendendo parte da demanda familiar, tinham um papel ambiental importante no ecossistema urbano, pois no geral apresentavam uma composição florística ampla, englobando uma diversidade de espécies vegetais que variavam de arbustos, trepadeiras, herbáceas, hortaliças e plantas medicinais, algumas vezes em associação com a criação de animais, crescendo adjacentes à residência.

Guarim Neto & Carniello (2007) apontaram que os quintais além de promover a diversificação da paisagem de um local serve como um espaço onde os costumes, a cultura e os hábitos familiares são vivenciados.

Para Grisa (2007), Monteiro & Mendonça (2004); Lacerda (2008), com a crescente urbanização da população é essencial compreender a contribuição que quintais podem trazer para segurança alimentar, tanto em acessibilidade quanto em qualidade.

A produção de alimentos foi uma alternativa para inserção nas cidades. É comum encontrar relatos de agricultores que ao chegar em Montes Claros foram morar em chácaras ou ocupavam terrenos baldios para plantar. Boa parte dessa produção eram vendidos nos mercados, nas casas de porta em porta e, por muito tempo, essa foi a principal fonte de renda desses migrantes.

Na cidade, migrantes rurais buscaram criar estratégias para superar a falta de espaços para a produção. Partes desses migrantes tenderam a ajustar práticas e modos de lidar com a agricultura de sua comunidade de origem. Assim, desenvolveram agricultura em seus quintais e lotes vagos, utilizado força de trabalho familiar e produzindo alimentos, remédios e estética, que, além de garantir a soberania alimentar articulam relações sociais, culturais e ambientais entre o rural e o urbano.

## **2. Abordagem metodológica**

A pesquisa que resultou neste artigo fez parte de estudo mais amplo vinculado à uma dissertação de mestrado. Teve caráter exploratório, de abordagem quanti-quali (Minayo, 2004). Os sujeitos da pesquisa foram nove migrantes rurais - oito agricultoras e um agricultor - que se urbanizaram em Montes Claros entre as décadas de 1970 /80.

Montes Claros, município situado no norte do estado de Minas Gerais, ocupa uma área de 3. 582,034 km<sup>2</sup> e tem população estimada, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, (2010) de 361.915 habitantes.

Para realização desse estudo adotou-se duas técnicas de pesquisa: entrevistas com questionários semiestruturados (Queiroz, 1991); e a caracterização dos quintais urbanos, por meio do levantamento etnobotânico.

As entrevistas foram realizadas nas residências das agricultoras (o). A princípio, realizou-se um “pré-teste” do questionário com intuito de ajustar o instrumento, tendo em vista captar tanto características socioeconômicas das famílias quanto questões de natureza do manejo ambiental realizado por elas.

Estudos etnobotânicos são importantes porque além de descrever a organização social, valores, cultura e crenças, também podem apresentar numericamente índices que expressam a diversidade, densidade, variedade, dominância entre outras variáveis (Albuquerque, 2007). O levantamento das espécies de plantas nos quintais se deu por meio da técnica da visita guiada, ou caminhada transversal, que consiste em percorrer uma determinada área, acompanhado de informantes locais e que conheçam o local, onde observa-se todo o agroecossistema e coleta informações sobre as plantas, animais e os ecossistemas (Brose, 2001 & Coelho, 2005). Durante as caminhadas pelos quintais os agricultores(as) informavam uma série de dados a respeito das plantas encontradas, tipos de uso, formas de uso, origem das muda e, destino da produção, entre outros elementos. Para a identificação das plantas, encontradas

nos quintais, utilizou-se dois mecanismos: primeiro, por meio do nome popular de cada espécie, informados pelas próprias agricultoras; e, segundo através dos registros fotográficos das plantas. A partir dessas informações foi possível fazer a classificação das plantas, utilizando da literatura especializada, como o livro Árvores Brasileiras v.1 e v.2 (Lorenzi, 2002;KINUPP; LORENZI, 2014).

Os dados quantitativos obtidos em campo foram tabulados no programa Microsoft Excel 2010 e, posteriormente classificados de acordo com os objetivos propostos. O tratamento dos dados passou por uma série cruzamentos analíticos e estatísticos, para que fosse possível realizar análises sobre o perfil das famílias, dos quintais, dos modo de produção e das características intrínsecas as espécies encontradas. As técnicas quantitativas buscaram avaliar a concordância das citações, quanto à importância relativa das espécies, e se mostraram fundamentais para se obter informações etnobotânicas, com base no conhecimento local sobre as diversas formas de utilização dos vegetais(Albuquerque, 2010).

### **3- Resultados e discussões**

#### **3.1- Agricultores urbanizados em Montes Claros e seus quintais**

Migrantes rurais que se dirigiram para Montes Claros saíram dos seus locais de origem movidos por diversos motivos, principalmente, dificuldades de acesso à terra, que foi acirrado após a modernização conservadora da agricultura, mas também por casos de dissolução de famílias e ou limitações de ofertas de serviços públicos vinculados à educação e saúde nas suas localidades

Era comum em meados das décadas de 1960/70 muitos fazendeiros “comprar” as terras de camponeses, por preços muito aquém do valor real, ou se valerem de jagunços da violência para tomar as terras (Dayrell, 1999). Relatos de migrantes rurais pesquisados evidenciaram processos de expropriação de terras que ocorriam neste período:

*“Aos 13 anos de idade a minha família ficou desagregada, pois mataram meu avô por causa de brigas por terras na região”.* (AMT; a).

*“Lembro que as pessoas começaram a vender as suas terras justamente pela dificuldade da vida que tinham naquele tempo, elas não tinham acesso ao médico, não tinham um trabalho que provesse a sobrevivência e, além disso, muitos fazendeiros faziam pressão para comprar as terras dos agricultores. E, compravam barato demais, ninguém valorizava.”*(JFG; a).

Para muitos camponeses afetados pela modernização conservadora da agricultura, restou o trajeto em direção às áreas urbanas de diversas cidades, mas sobretudo, para Montes Claros, devido à instalação do distrito industrial pela Sudene na cidade e perspectivas de Muitos desses migrantes rurais chegaram sem perspectiva de trabalho e foram morar com os parentes ou amigos. Ribeiro et al (2012) analisou que ao chegar a cidade nem sempre os(as) agricultores(as) tiveram a oportunidade de implantar os seus cultivos imediatamente. Parte das vezes, a dificuldade estava por dividir a casa com parentes, mas também devido ao tamanho reduzido do quintal na nova moradia. Entretanto, para o autor, os próprios agricultores desde que chegaram a cidade criaram estratégias para superar essa problemática da falta de espaços para a produção. O autor indicou ainda que "esses agricultores que se urbanizaram ao sair de seus territórios trouxeram consigo não só as bagagens materiais, mas um conjunto de saberes e

saber fazer próprios" que foram e são utilizados constantemente, para as mais diversas adaptações ao meio urbano e conseqüentemente ressignificação dos seus modos de vida.

Os migrantes rurais que se direcionaram para Montes Claros, pesquisados nesse estudo, são em sua maioria mulheres. Dos 9 entrevistados, 8 são mulheres e somente um homem.<sup>2</sup> Apresentavam faixas etárias entre 40 a 76 anos. Somente duas das entrevistadas, nasceram em localidades rurais do município de Montes Claros; seis dos pesquisados nasceram em cidades do Norte de Minas e, uma veio do Estado da Bahia. Todos migraram para Claros por entre as décadas de 1970/1980.

**Tabela 01-** Características das famílias das agricultoras (o) desse estudo.

<b>Agricultoras (o)</b>	<b>Idade</b>	<b>Local de Nascimento</b>	<b>Cidade de Nascimento</b>	<b>Ano de migração</b>	<b>Nº de filhos netos</b>	<b>Nº de pessoas/casa</b>	<b>Ocupação</b>
<b>Ana</b>	70 anos	Veredas	Salinas MG	1975	6 filhos 11 netos	Sete	Agricultora e dona de casa.
<b>Arabela</b>	59 anos	Vargem Bonita	Botumirim MG	1973	3 filhos 0 neto	Três	Voluntária na Pastoral da Criança e agricultora.
<b>Carmelita</b>	66 anos	Rio das Pombas	Nova Canaã BA	1972	2 filhos 2 netos	Duas	Agricultora, artesã e aposentada.
<b>Francisca</b>	65 anos	Tapera	Riacho dos Machados MG	1970	4filhos 16 netos	Uma	Agricultora e aposentada.
<b>João</b>	62 anos	Barreirinho	São João da Ponte MG	1973	2 filhos 2 netos	Três	Agricultor e luthier.
<b>Júlia</b>	40 anos	Tiririca	São João da Ponte MG	1980	3filhos 0 netos	Quatro	Funcionária pública e agricultora.
<b>Maria Serila</b>	69 anos	Claudiano	Montes Claros MG	1989	3 filhos 0 neto	Uma	Agricultora e dona de casa.
<b>Maria de Lourdes</b>	53 anos	São Geraldo	Francisco Sá - MG	1976	2 filhos 2 netos	Três	Comerciante e agricultora.
<b>Rosalina</b>	76 anos	Santa Cruz	Montes Claros	1974	1 filha 3 netos	Cinco	Agricultora e aposentada.

Fonte: Pesquisa de campo, 2017/2018.

<sup>2</sup> O que confirma resultados encontrados em outros trabalhos para Montes Claros como os de Ribeiro2015; Britto 2011; e para o Brasil Carneiro 2013.

Os quintais urbanos estudados mantêm aspectos de ambiente rurais e são de tamanhos reduzidos, apenas duas agricultoras possuem os quintais acima de 400 metros. (ver Tabela 02). Geralmente estavam cercados por muros e ou madeiras, onde as agricultoras (o) produzem suas roças, cultivando principalmente espécies alimentares, ornamentais e medicinais, ao mesmo que criam pequenos animais como galinhas, gatos e cachorros.

**Tabela 02:** Tamanho do terreno dos agricultores e localização dos quintais produtivos.

Agricultor (as)	Área total do terreno m <sup>2</sup>	Área Plantio m <sup>2</sup>	Localização do Quintal
Ana	320	16,9	Fundos do terreno e ao lado da casa.
Maria Serila	420	211	Fundos do terreno e ao lado da casa.
Arabela	300	22,4	Fundos do terreno.
Lourdes	220	2, 5	Fundos do terreno.
Francisca	800	460	Fundos do terreno e ao lado da casa.
Carmelita	900	430	Lado da casa.
Rosalina	360	163	Frente do terreno e ao lado da casa.
João	260	3	Não produz na cidade, e sim em terreno rural.
Júlia	220	2	Fundos do terreno.

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2017/2018.

Outro aspecto observado nos quintais eram objetos característicos de técnicas rurais como fogões a lenha, pilões, fornalhas e jiraus. Este aspecto também foi encontrado nos quintais estudados por Pedroso em (2008). Os artefatos eram utilizados para o preparo de vários alimentos: o pilão para moer o milho e ou café; fogão a lenha, no preparo das refeições ou, de forma esporádica, quando o alimento exige maior tempo de cozimento, como é o caso de bolos, biscoitos doces.

Os espaços dos quintais articulavam assim um conjunto de usos: produtivos, conservações biológicas, sociabilidade, preparam e consomem de alimentos. Conforme o relato de uma agricultora:

*“(...) Eu mesma tenho meu pilão, eu tenho uns pezinhos de café aqui, quando é época, eu mesmo faço o meu café... a mesma coisa a cana, tenho meu "engenho”<sup>1</sup> quando está na época, faço tanta garapa, as vezes até vendo pra vizinhança.”*  
(CSN. a).

### 3.2- Manejo nos quintais urbanos

Quando as (o) agricultoras (o) chegaram à Montes Claros passaram por algum tipo dificuldades para implementar seus cultivos na cidade, na maior parte

das vezes, relacionadas a falta de espaço, vieram morar com parentes e ou os terrenos eram compartilhados.

A questão da falta de espaço para produzir foi em parte solucionada por meio de estratégias que traziam consigo ou aprenderam no ambiente urbano. Uma deles é era a produção no regime de *meia*, regime em que pessoas que detinham terrenos maiores cediam glebas em troca da metade da produção, essa prática foi vivenciada por pelo menos quatro agricultoras. Outra maneira que encontraram foi a otimização dos seus quintais utilizando o cultivo em canteiros, vasos e a implementação de mini sistemas agroflorestais.

Os canteiro utilizados para a produção eram feitos de madeiras ou alvenarias e preenchidos por terra. Uma agricultora apresentou toda orgulhosa, o canteiro de 2m<sup>2</sup> que fez para plantar batata doce, nesse espaço plantou em 2018 mais de 50 mudas e obteve uma boa colheita.

*“Para plantar essas batatas doces aqui, eu aproveitei o restante da areia que o pedreiro utilizou para rebocar o muro. Igual eu falo: tem que aproveitar tudo”*  
(MSGP; a).

O plantio em vasos para cultivar diversas espécies de plantas utilizavam desde pequenas vasilhas, bacias, panelas velhas a caixas d'águas quebradas. A adaptação do plantio em canteiros e vasos eram de extrema importância, pois propiciavam a ampliação da produção, bem como, o aumento em diversidade da dieta alimentar dessas famílias.

A produção em sistemas agroflorestais (SAFs) era praticada por quase todas as agricultoras, com exceção de uma, e se mostrou uma importante técnica de ampliação dos cultivos nos quintais urbanos. Para Filho (2009) os SAFs constituem uma modalidade viável de uso e manejo da terra segundo o princípio do rendimento sustentado. Permite aumentar a produção total de uma maneira escalonada no tempo e no espaço através da integração de espécies arbóreas a herbáceas, aplicando práticas de manejo compatíveis com os padrões culturais da população local.

A estrutura vertical em SAFs segue certo padrão em quintais tropicais e apresentam em média três a quatro estratos, podendo chegar até seis em ambientes úmidos (Nair, 2004; Albuquerque et al. 2005). Dos quintais estudados, apenas um apresentou dois estratos, os demais apresentaram entre quatro a cinco estratificações. O estrato arbóreo encontrado foi representado por árvores como a mangueira (*Mangifera indica*) e o mamoeiro (*Carica papaya*). No estrato arbustivo estavam presentes a laranjeira (*Citrus aurantium*) e o limoeiro (*Citrus limonum*). O estrato herbáceo é representado, principalmente, por hortaliças e medicinais como a rúcula (*Eruca sativa*) e a cebolinha (*Allium schoenoprasum*), babosa (*Aloe vera*), capim santo (*Cymbopogon citratus*) entre outros.

O plantio em pequenos SAFs nos quintais tiveram início com a necessidade de aumentar espaço para a produção, e exigiu *expertise* das agriculturas(o) para identificar as melhores espécies para serem cultivadas de forma consorciada. Utilizaram para tanto conhecimentos familiares, experimentações práticas nos quintais e pelas trocas de informações com vizinhos.

O manejo do solo era realizado, na maior parte das vezes, por meio técnicas agroecológicas: desde a mistura de diferentes tipos de terra ao



incremento de esterco de animais, que eram coletados nos terrenos onde há soltas desse animais ou comprados de carroceiros.

*“Faço o adubo orgânico com o resto de cascas de frutas e verduras porque é bom para usar nas minhas plantas; mas também porque serve para diminuir a produção de lixo, além disso nasce um monte de sementes sozinha de verdura que está dentro desse adubo”* (AOV; a).

Outra forma recorrente de fazer a melhoria no solo era por meio da compostagem doméstica. Esse processo é realizado, principalmente, com as sobras de verduras, legumes e frutas e depois de pronto, muitas vezes há o incremento do esterco de animais para melhorar ainda mais a qualidade desse adubo. Uma agricultora revelou que:

*“Eu compro esterco de cavalo, coloco num tamborzão e vou colocando resto de casca de verdura, de fruta, resto de folhas do quintal pra pubar junto, depois de pronto, uso para colocar nas plantas”*. (RSF; a).

O manejo das plantas inclui a utilização de técnicas como podas e capinas periódicas, irrigação, limpeza e adubação. A prática de podas geralmente envolve o corte de galhos ou ramos indesejados..

Os tratos com os quintais envolviam técnicas que tinham finalidade de obter melhor desenvolvimento das espécies, reduzir do uso de fertilizantes químicos e proporcionar melhoramento da qualidade da planta e conseqüentemente dos alimentos consumidos.

### 3.3 - Produção

A partir do levantamento etnobotânico foi possível identificar 107 espécies vegetais utilizadas na alimentação pelos agricultores urbanizados pesquisados, distribuídas em 43 famílias e 79 gêneros, totalizando 1.742 plantas.

**Tabela 03-** Plantas alimentares encontradas nos quintis urbanos; Classificadas por nome popular, nomes científicos, famílias e gêneros.

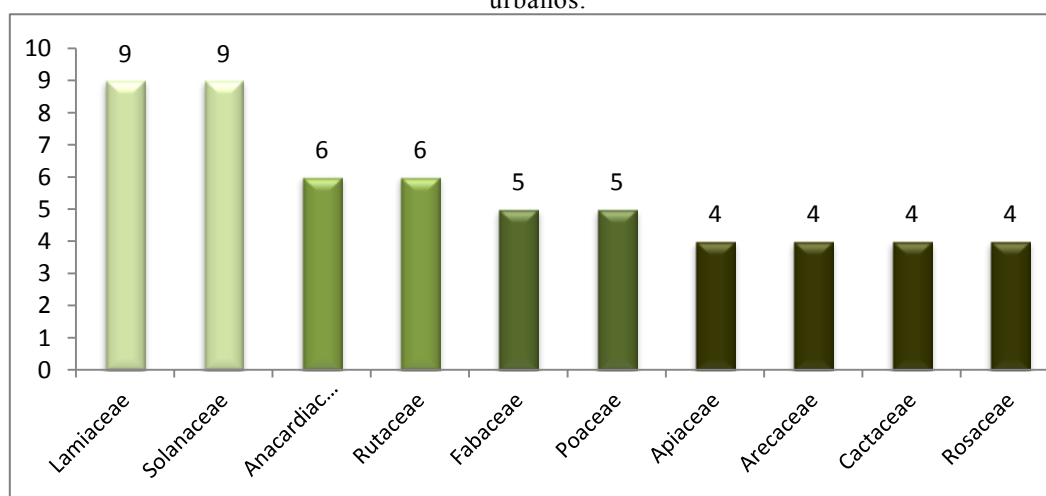
Nome popular	Nome Científico	Família	Gênero
Abacate	<i>Persea americana</i>	Lauraceae	Persea
Abóbora	<i>Cucurbita maxima</i>	Cucurbitaceae	Cucurbita
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i>	<u>Malpighiaceae</u>	<u>Malpighia</u>
Acoita cavalo	<i>Luehea divaricata</i>	Tiliaceae	Luehea
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i>	Brassicaceae	Nasturtium
Açafrão	<i>Curcuma longa</i> L.	Zingiberaceae	Curcuma
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	Rosmarinus
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i>	Lamiaceae	Ocimum
Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i>	Lamiaceae	Lavandula
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Liliaceae	Allium
Alho poro	<i>Allium porrum</i>	Amaryllidaceae	Allium
Alho todo tempo	<i>Allium sativum</i>	Liliaceae	Allium
Almeirão	<i>Cichorium intybus</i>	Asteraceae	Cichorium
Amora	<i>Morus sp</i>	Rosaceae	Morus
Andu	<i>Cajanus cajan</i> L.	Fabaceae	Cajanus
Aroeirinha	<i>Schinus terebinthifolius</i>	<u>Anacardiaceae</u>	Schinus
Atemoia	<i>Annona × atemoya</i>	<u>Annonaceae</u>	<u>Annona</u>
Banana da prata	<i>Musa ssp.</i>	Musaceae	Musa
Banana maçã	<i>Musa acuminata</i>	Musaceae	Musa
Batata doce	<i>Ipomoea batatas</i> L.	Convolvulaceae	Ipomoea

<b>Baunilha</b>	<i>Vanilla planifolia</i>	Orchidaceae	Vanilla
<b>Beldroega</b>	<i>Portulaca oleracea</i>	Portulacaceae	Portulaca
<b>Berinjela</b>	<i>Solanum melongena</i>	Solanaceae	Solanum
<b>Cacau</b>	<i>Theobroma cacao</i>	Malvaceae	Theobroma
<b>Café</b>	<i>Coffea sp.</i>	Rubiaceae	Coffea
<b>Cajá</b>	<i>Spondias spp.</i>	Anacardiaceae	Spondias
<b>Caju</b>	<i>Anacardium occidentale</i>	<u>Anacardiaceae</u>	<u>Anacardium</u>
<b>Cana</b>	<i>Saccharum officinarum</i>	Poaceae	Saccharum
<b>Cana caiana</b>	<i>Saccharum officinarum L.</i>	Poaceae	Saccharum
<b>Canapu</b>	<i>Physalis</i>	Solanaceae	Physalis
<b>Capim santo</b>	<i>Cymbopogon citratus</i>	Poaceae	Cymbopogon
<b>Carambola</b>	<i>Averrhoa carambola</i>	Oxalidáceas	Averrhoa
<b>Cará-moela</b>	<i>Dioscorea bulbifera</i>	Dioscoriaceae	Dioscorea
<b>Cebola branca</b>	<i>Allium cepa</i>	Liliaceae	Allium
<b>Cebolinha</b>	<i>Allium fistulosum L.</i>	Aliáceas	Allium
<b>Cereja</b>	<i>Pronus avium L.</i>	Rosaceae	Pronus
<b>Chá da índia</b>	<i>Camellia sinensis</i>	Theaceae	Camellia
<b>Chapéu de couro</b>	<i>Echinodorus macrophyllus</i>	Alistamataceae	Echinodorus
<b>Chuchu</b>	<i>Sechium edule</i>	Cucurbitaceae	Sechium
<b>Coco da Bahia</b>	<i>Cocos nucifera</i>	Arecaceae	Cocos
<b>Coco macaúba</b>	<i>Acrocomia aculeata</i>	<u>Arecaceae</u>	<u>Acrocomia</u>
<b>Coentro</b>	<i>Coriandrum sativum</i>	Apiaceae	Coriandrum
<b>Coquinho Azedo</b>	<i>Butia capitata</i>	Arecaceae	Butia
<b>Couve</b>	<i>Brassica oleracea</i>	Brassicaceae	Brassica
<b>Dente de leão</b>	<i>Taraxacum officinale</i>	Asteraceae	Taraxacum
<b>Erva doce</b>	<i>Pimpinella anisum</i>	Apiaceae	Pimpinella
<b>Espinafre</b>	<i>Spinacia oleracea</i>	Amaranthaceae	Spinacia
<b>Fava</b>	<i>Phaseolus lunatus L.</i>	Fabaceae	Phaseolus
<b>Feijão</b>	<i>Phaseolus vulgaris L.</i>	Fabaceae	Phaseolus
<b>Feijão de corda</b>	<i>Vigna unguiculata</i>	<u>Fabaceae</u>	<u>Vigna</u>
<b>Figo</b>	<i>Ficus carica</i>	Moraceae	Ficus
<b>Figo da índia</b>	<i>Opuntia ficus-indica</i>	<u>Cactaceae</u>	<u>Opuntia</u>
<b>Fruta do conde</b>	<i>Annona squamosa</i>	Annonaceae	Annona
<b>Gengibre</b>	<i>Zingiber officinale Roscoe</i>	Zingiberaceae	Zingiber
<b>Goiaba</b>	<i>Psidium guajava L.</i>	Myrtaceae	Psidium
<b>Graviola</b>	<i>Butia ssp.</i>	Arecaceae	Butia
<b>Hortelã</b>	<i>Mentha piperita</i>	Lamiaceae	Mentha
<b>Hortelã míudo</b>	<i>Mentha spicata L.</i>	Lamiaceae	Mentha
<b>Hortelã pimenta</b>	<i>Mentha x piperita L.</i>	Lamiaceae	Mentha
<b>Jabuticaba</b>	<i>Plinia cauliflora</i>	Mirtáceas	Plinia
<b>Jaca</b>	<i>Artocarpus heterophyllus</i>	Moraceae	Artocarpus
<b>Jambo</b>	<i>Syzygium malaccensis</i>	Myrtaceae	Syzygium
<b>Jiló</b>	<i>Solanum gilo Raddi</i>	Solanaceae	Solanum
<b>Laranja pêra</b>	<i>Citrus sinensis</i>	Rutaceae	Citrus
<b>Lima da Pérsia</b>	<i>Citrus limettioides</i>	Rutaceae	Citrus
<b>Limão</b>	<i>Citrus limon</i>	Rutaceae	Citrus
<b>Limão Rosa</b>	<i>Citrus paradisi</i>	Rutaceae	Citrus
<b>Limão Taiti</b>	<i>Citrus latifolia</i>	Rutaceae	Citrus
<b>Língua de vaca</b>	<i>Rumex obtusifolius L.</i>	Poaceae	Rumex
<b>Lichia</b>	<i>Litchi chinensis</i>	Sapindaceae	Litchi
<b>Maçã</b>	<i>Malus domestica</i>	Rosaceae	Malus
<b>Mamão</b>	<i>Carica papaya</i>	Caricaceae	Carica
<b>Mandacaru/pitaya</b>	<i>Hylocereus undatus</i>	Cactaceae	Hylocereus
<b>Mandioca</b>	<i>Manihot esculenta Crantz</i>	Euphorbiaceae	Manihot
<b>Manga</b>	<i>Mangifera indica L.</i>	Anacardiaceae	Mangifera
<b>Manjeriço</b>	<i>Ocimum basilicum</i>	Lamiaceae	Ocimum
<b>Maracujá</b>	<i>Passiflora edulis</i>	Passifloraceae	Passiflora
<b>Maracujá do mato</b>	<i>Passiflora cincinnata</i>	Passifloraceae	Passiflora
<b>Maxixe</b>	<i>Cucumis anguria</i>	Cucurbitaceae	Cucumis
<b>Mexerica</b>	<i>Citrus reticulata</i>	Rutaceae	Citrus

<b>Milho</b>	<i>Zea mays L.</i>	Poaceae	Zea
<b>Morango</b>	<i>Fragaria anassa Duch.</i>	Rosaceae	Fragaria
<b>Oropronobis</b>	<i>Pereskia aculeata</i>	Cactaceae	Pereskia
<b>Orégano</b>	<i>Origanum vulgare</i>	Lamiaceae	Origanum
<b>Palma</b>	<i>Opuntia ficus indica</i>	Cactaceae	Opuntia
<b>Pepininho do mato</b>	<i>Melothria cucumis</i>	Curcubitaceae	Cucumis
<b>Pepino</b>	<i>Cucumis sativus</i>	Araceae	Cucumis
<b>Pimenta</b>	<i>Capsicum annum L.</i>	Solanaceae	Capsicum
<b>Pimenta de mesa</b>	<i>Capsicum ssp.</i>	Solanaceae	Capsicum
<b>Pimenta de Cheiro</b>	<i>Capsicum chinense</i>	Solanaceae	Capsicum
<b>Pimenta Malagueta</b>	<i>Capsicum frutescens L.</i>	Solanaceae	Capsicum
<b>Pimentão</b>	<i>Capsicum annuum</i>	Solanaceae	Capsicum
<b>Pinha</b>	<i>Annona squamosa L.</i>	Annonaceae	Annona
<b>Pitanga</b>	<i>Eugenia uniflora L.</i>	Myrtaceae	Eugenia
<b>Pitomba</b>	<i>Talisia esculenta</i>	Sapindaceae	Talisia
<b>Quiabo</b>	<i>Abelmoschus esculentus Moe</i>	Malvaceae	Abelmoschus
<b>Romã</b>	<i>Punica granatum</i>	Lythraceae	Punica
<b>Rúcula</b>	<i>Eruca sativa</i>	Brassicaceae	Eruca
<b>Salsão</b>	<i>Apium graveolens L.</i>	Apiaceae	Apium
<b>Salsinha</b>	<i>Petroselinum crispum</i>	Apiaceae	Petroselinum
<b>Seriguela</b>	<i>Spondias purpurea</i>	Anacardiaceae	Spondias
<b>Taioba</b>	<i>Xanthosoma sagittifolium</i>	Araceae	Xanthosoma
<b>Tamarindo</b>	<i>Tamarindus indica</i>	Fabaceae	Tamarindus
<b>Temperão</b>	<i>Plectranthus amboinicus</i>	Lamiaceae	Plectranthus
<b>Tomate cereja</b>	<i>Solanum lycopersicum</i>	Solanaceae	Solanum
<b>Umbu</b>	<i>Spondias tuberosa</i>	Anacardiaceae	Spondias
<b>Urucum</b>	<i>Bixa orellana L.</i>	Bixaceae	Bixa
<b>Uva</b>	<i>Vitis sp.</i>	Vitaceae	Vitis

As plantas alimentares mais representativas encontradas nos quintais faziam parte da família Lamiaceae, como cebolinha, hortelã, manjeriço e alecrim; seguida da família Solanaceae - berinjela, jiló, pimenta, pimentão. Logo após as famílias com mais expressividade foram as das frutas: Anacardiaceae (cajá, caju, umbu), Rutaceae (laranja, mexerica, limão); e as famílias Fabaceae das leguminosas (feijão, fava, andu, feijão de corda) e a Poaceae representadas pelo (milho e cana).

**Gráfico 01:** Famílias de plantas alimentares mais representativas encontradas no quintais urbanos.

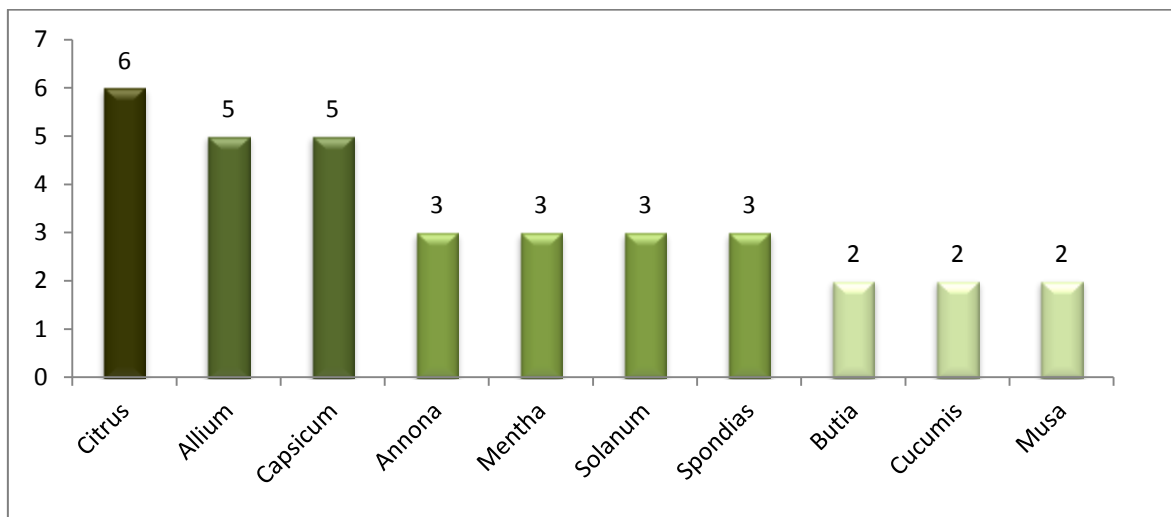


Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Essa ampla representatividade de famílias vegetais produzidas, representa não só uma questão de adaptabilidade dessas agricultoras (o) para cultivar no meio urbano, otimizando o pouco espaço que possuem, mas também permite o cultivo de diversas espécies no mesmo local, assegurando uma dieta alimentar mais diversificada e segura.

Quanto ao gênero, os mais expressivos foram o Citrus, com nove espécies seguido do Allium e Capsicum com 5 espécies e, do Annona (atemóias, fruta do conde e pinha), Mentha, Solanum e Spondias com 3 espécies.

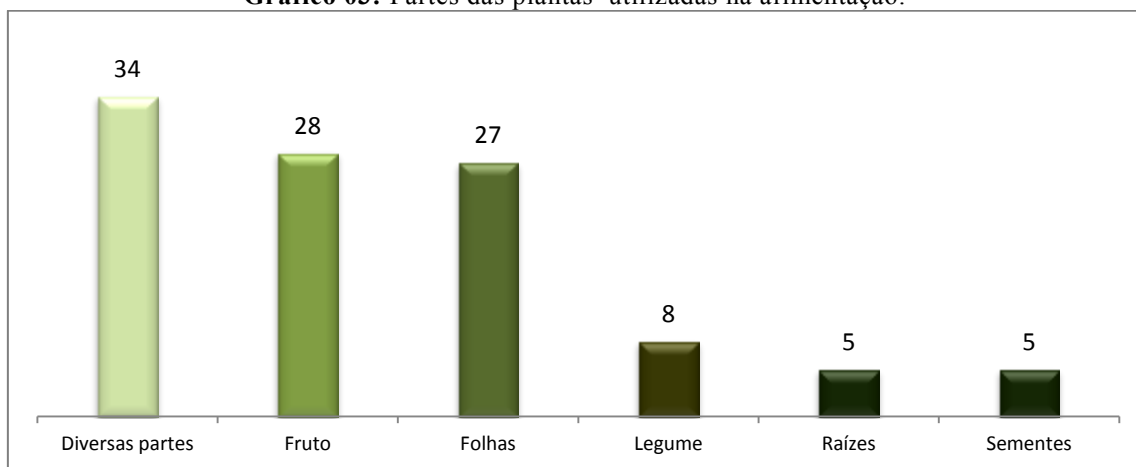
**Gráfico 02:** Gêneros de plantas alimentares mais expressivos nos quintais urbanos estudados.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

Do total das 107 plantas alimentícias identificadas nesse estudo 34 espécies tinham todas suas partes utilizadas: folhas, frutos, legumes, raízes e sementes (Gráfico 03). Isto indica a importância da escolha da plantas a serem cultivadas nos quintais, por tratar-se de áreas pequenas as agricultoras dão preferência ao cultivo de espécies por possam ser consumidas integralmente, otimiza o espaço e aumentam o leque de possibilidades de enriquecimento da dieta alimentar.

**Gráfico 03:** Partes das plantas utilizadas na alimentação.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa de campo, 2018.

O consumo das frutas ocorre *in natura* ou em forma de sucos, doces e geleias. As verduras e os legumes são consumidos crus, ou cozidos, alguns deles, como abóbora e batata-doce também são utilizados na fabricação de pães. Outra maneira de consumo é na forma de condimentos, principalmente, derivados do urucum (*Bixa orellana*), da pimenta (*Capsicum* sp) e do alecrim (*Rosmarinus officinalis*).

Quanto o tipo de crescimento das espécies alimentícias identificadas 48% eram herbáceas, incluídas nessa categoria estão as plantas utilizadas para o tempero - cebola, alho, ervas, pimentão; ou nas saladas, a exemplo dos tomates, couve, pepino, salsa etc. Em seguida têm-se as plantas de porte arbóreo representadas principalmente pelas frutíferas como manga, umbu, jaboticaba, cajá, amora, entre outras.

### **3.4- Quintais urbanos: *locus* estratégico para Segurança Alimentar e Nutricional**

Em todos os quintais encontrou-se cultivos de plantas usadas cotidianamente na alimentação, aspecto de relevância para a soberania alimentar e nutricional das famílias dessas agricultoras(o).

De acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO- 1999) a soberania alimentar busca que todos tenham o direito a uma alimentação segura, nutritiva e saudável, adaptada à sua cultura e a possibilidade de sustentar-se. Neste conceito há a preocupação com a importância da autonomia na alimentação, com os hábitos e culturas alimentares.<sup>3</sup>

O acesso aos alimentos é um grande desafio internacional. O Brasil foi um país que avançou na consolidação do reconhecimento legal e social da SAN, concretizou políticas, programas e ações que visam garantir a universalidade deste direito (CONSEA, 2010).

Estudos como o de Mouget (2000); Monteiro e Mendonça (2004); Guarim Neto e Amaral (2010) relacionaram agricultura urbana e segurança alimentar, pois boa parte das vezes é amplamente praticada por famílias em vulnerabilidade econômica, em espaços reduzidos, no interior e na periferia das cidades e objetiva principalmente a produção para autoconsumo.

A utilização dos quintais urbanos como espaços produtivos, pode ser uma estratégia importante para apoiar a segurança alimentar de famílias que mantenham práticas agrícolas e, ou façam uso de espécies cultivadas e espontâneas encontradas nesses espaços. Pereira et al (2012), entretanto, faz ressalvas sobre a necessidade de diálogos entre as diferentes instâncias de governo, instituições de pesquisa, sociedade civil organizada e agricultores/as para consolidação e efetivação das práticas produtivas agrícolas na cidades, sobretudo, no que diz respeito as políticas públicas e ações de segurança alimentar e nutricional, de planejamento urbano e habitacional.

Os resultados alcançados neste estudo em relação à quantidade de plantas alimentares 107 espécies, indicam que a produção de alimentos na cidade de Montes Claros possibilitou certas condições de soberania e segurança alimentar e nutricional, fornecendo alimentos desejados para o autoconsumo. Esse fator permitiu que as famílias pudessem diversificar a dieta, valorizou plantios de

---

<sup>3</sup> No Fórum Mundial que aconteceu em Havana, Cuba, em 2001, a Via Campesina declarou: A segurança alimentar e nutricional é definida pelo direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis".

espécies nativas, com alto valor nutricional e permitiu economizar em gastos com alimentação.

#### **4- Considerações finais**

Migrantes rurais, ao se tornarem agricultoras (o) urbanizadas (o), acessaram redes de saberes para manejar o ambiente que os rodeia e lançaram os seus pontos de vista sobre a natureza nas cidades: incorporaram práticas agroecológicas para produção de alimentos seguros, mantem uma estreita relação com o meio expresso na diversidade de espécies encontradas nos quintais. Revelam que a produção nos quintais urbanos permite e uma alimentação ambientalizados e culturalizada, por meio do cultivo de diversas espécies como a fava, o andu, o feijão catador, abóbora, o quiabo, e assim aumentam a diversidade e enriquecem a dieta alimentar das famílias, contribuem para a promoção da Soberania e Segurança Alimentar em áreas urbanas.

Os resultados alcançados demonstram que a quantidade que a produção de alimentos na cidade possibilitou certas condições de segurança alimentar e nutricional, fornecendo o acesso a alimentos para o autoconsumo. Esse fator permitiu que as famílias pudessem diversificar a dieta, valorizou plantios de espécies nativas, com alto valor nutricional e permitiu economizar em gastos com alimentação.

#### **5- REFERÊNCIA**

AMARAL, C. N; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil) **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 3, n. 3, p. 329-341, set./ dez. 2008.

AMOROZO, M. C. M. Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, U. P. et al. (Org.). **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. 2. ed. Recife: NUPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006.

BRANDÃO, C. R. **Plantar, Colher e Comer: um estudo sobre o campesinato goiano**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

\_\_\_\_\_. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. **Ruris: revista do centro de estudos rurais**, p. 37-64, 2007.

BRITO, M. A.; COELHO, M. F. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais – unidades autossustentáveis. **Revista Agricultura Tropical**, Cuiabá, v.4, n.1, 2000.

BRITO, G. S. **Migrações rural/urbano e fluxos de conhecimentos agroecológico: o caso de Montes Claros, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias) - Instituto de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Minas Gerais. Montes Claros, MG: ICA/UFMG, 2011.

CARNEIRO, M. G. R. et al. Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável local na perspectiva da agricultura familiar (O caso do

assentamento Alegre, município de Quixeramobim/CE. **Revista Brasileira de Agroecologia**, n.8, v.2, 2013.

CARNIELLO, M. A.; SILVA, R. D. S.; CRUZ, M. A. B.; GUARIM NETO, G. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazonica**, v. 40, n.3, p.451–470, 2010.

CONSEA - **Lei 11.346: Lei da Segurança Alimentar e Nutricional**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11346.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11346.htm); Acessado dia 26 de maio de 2018.

CORBOULD, C. **Feeding the Cities: Is Urban Agriculture the Future of Food Security? Strategic Analysis Paper**. 2013. Disponível em: <<http://www.futuredirections.org.au/publication/feeding-the-cities-is-urban-agriculture-the-future-of-food-security/>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

DAYRELL, C.A. **Geraizeiros e biodiversidade no Norte de Minas Gerais: a contribuição da agroecologia e da etnecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais**. Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável) – Universidade Internacional de Andalúcia. Espanha, 1999.

FAO (Food and Agricultural Organization of the United Nations). **Growing Greener Cities in Latin America and the Caribbean**. 2014. Disponível em: <<http://www.fao.org/3/a-i3696e.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

GRISA, C. Para além da alimentação: papéis e significados da produção para autoconsumo na agricultura familiar. *Revista Extensão Rural*, v. 14, n.1, 2007.

GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M. A. Etnoconhecimento e saber local: um olhar sobre populações humanas e os recursos vegetais. In: ALBUQUERQUE, U. P de; ALVES, A. G. C.; ARAUJO, T. A. S. (Org.). **Povos e paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil**. Recife: NUPEEA/UFRPE, 2007.

IBGE. **Censo demográfico 1980**. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=775&view=detalhes>

IBGE. **Censo demográfico 1991**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censodem/default.shtm>

IBGE. **Censo demográfico 2000**. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default\\_censo\\_2000.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm)

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtm> .

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação**. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

LACERDA, V. D. Quintais do Sertão do Ribeirão: agrobiodiversidade sob um enfoque etnobotânico. 2008. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas)-Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil**. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002. v. 1. 368 p.

MALUF, Renato S. J. & MENEZES, F. (2000): Caderno “Segurança Alimentar”. Disponível em:[http://www.forumsocialmundial.org.br/download/tconferencias\\_Maluf\\_Menezes\\_2008\\_por.pdf](http://www.forumsocialmundial.org.br/download/tconferencias_Maluf_Menezes_2008_por.pdf). Acessado em 31/07/2018.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MONTEIRO, D.; MENDONÇA, M. M. Quintais na Cidade: a experiência de moradores da periferia do Rio de Janeiro. Revista Agriculturas, v.1, 2004.

MOUGEOT, L. For self-reliant cities: urban food production in a globalizing South. In: KOC, M. et al. (Eds). **For Hunger-Proof Cities: Sustainable Urban Food Systems**. IDRC, Ottawa, p. 11-25, 1999.

MOUGEOT, L.J.A. Agricultura Urbana—conceito e definição. **Revista de Agricultura urbana**, v. 1, 2000.

NAIR, P. R. **Introduction to Agroforestry**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993.

PLOEG, J. D. van der. Camponeses e Impérios alimentares – lutas por autonomia e sustentabilidade da era da globalização. Porto Alegre/RS: Editora UFRGS, 2008.

PASA, M. C. Interpretação zoocultural na comunidade de Conceição-Açu (Alto da Bacia do rio Ariçá-Açu-MT, Brasil). **Biodiversidade**, v. 06, n. 1. Rondonópolis, 2007.

PEREIRA, I. M. T.B RIBEIRO, S. M.; AZEVEDO, E.; PELICIONI, M. C. F.; BÓGUS, C. M.; Agricultura urbana agroecológica – estratégia de promoção da saúde e segurança alimentar e nutricional. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v.25, n.3, p.381:388, jul./set., 2012.

SILVA, L.O. Os quintais e a morada brasileira. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 61-78, dez. 2004.

RIBEIRO, E.M.; GALIZONI, F.M. Quatro histórias de Terras Perdidas - modernização agrária e privatização de campos comuns em Minas Gerais. **Rer. Bras. Estudos Urbanos e Regionais**, v.9, n.2, novembro, 2007.

RIBEIRO, E. M. *et al.* Rural e Urbano, crianças e agricultores: os encontros no Sítio de Saluzinho. **Agriculturas**, v. 12, n. 2, junho de 2015.